

COMPUTADOR E PRÁTICA PEDAGÓGICA: A PERSPECTIVA DO PROFESSOR

*Nara Augustin Gehrke**

A partir de um estudo lingüístico-discursivo, aplicado à análise de textos produzidos por professores de uma escola particular em processo de informatização, pode-se identificar como o contexto social e histórico se manifesta na fala do professor, como ele se posiciona diante das mudanças no processo de ensino e aprendizagem com a inserção do computador em sua prática pedagógica, quais vozes se mostram na fala do professor e qual a imagem que ele elabora para construir o referente computador.

* Professora Assistente do Departamento de Letras Vernáculas da UFSM.

Introdução

A Informática na Educação é uma área que tem recebido atenção especial por parte dos gestores da educação no que se refere à formulação de políticas e diretrizes que promovam a inserção do computador nas práticas escolares. Num contexto de transformação das atividades pedagógicas e de novas exigências em relação aos processos de ensino e aprendizagem, estão envolvidas novas concepções e posturas por parte dos que vivenciam esses processos, em particular o aluno e o professor.

Diante de um contexto escolar que exige mudanças, formulamos alguns questionamentos centrados no professor: Como o professor percebe esse momento? Como se posiciona frente à necessidade de integrar à sua prática o computador? Como pensa o processo ensino e aprendizagem nesse novo contexto? Qual imagem constrói do computador, isto é, quais traços do referente (computador) ele seleciona para construir essa imagem ?

Buscando respostas a essas indagações, realizamos um estudo lingüístico-discursivo de textos produzidos por professores que se encontram nesse novo contexto social e escolar. Recorrendo a concepções formuladas no interior de estudos do discurso e do texto, analisamos os textos e as marcas/pistas lingüísticas, procurando revelar os sentidos produzidos a partir da inserção da atividade verbal dentro de uma situação discursiva específica.

A seguir, apresentamos a pesquisa feita e as conclusões às quais chegamos no percurso da busca das respostas às indagações motivadoras do trabalho aqui relatado.

1. Contextualizando a pesquisa

1.1 Suporte Teórico

Considerando que o tema aqui tratado envolve o contexto escolar, é importante buscarmos um referencial teórico que trate da inserção do computador na escola. Muitas orientações sobre esse novo contexto (informatizado) são encontradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998).

Esse documento destaca que a tecnologia deve ser utilizada na escola para ampliar as opções da ação didática, com o objetivo de criar situações de ensino e de aprendizagem que favoreçam a postura crítica, a curiosidade, a observação e a análise, a troca de idéias, de forma que o aluno possa ter autonomia no seu processo de aprendizagem, buscando e ampliando

conhecimentos. Nos PCNs se apresenta também um alerta: a incorporação de computadores no ensino não deve ser apenas a informatização dos processos de ensino já existentes, pois não se trata de uma aula com “efeitos especiais” (p. 147).

Um segundo aspecto envolvido na discussão aqui proposta é a abordagem de um texto buscando (re)construir o sentido através das pistas lingüísticas deixadas nele. Novamente nos valem dos PCNs quando neles se destaca que, ao produzir um texto, o falante/produtor está realizando uma atividade discursiva, isto é, empenha-se em dizer alguma coisa a alguém, de um determinado modo, segundo um objetivo/intenção específica, inserido num contexto sócio-histórico particular e dentro de determinadas condições de produção/recepção. Em decorrência disso, “as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias - ainda que possam ser inconscientes -, mas decorrentes das condições em que o discurso é produzido” (p. 10).

Aprofundando essa discussão, Orlandi (1998) destaca que

no que diz respeito ao problema da significação, procura-se estabelecer como a relação que liga os sentidos às condições em que eles são produzidos é uma relação necessária, constitutiva da própria significação. Essas condições abrangem o contexto histórico-social, ideológico, a situação, os interlocutores e o objeto do discurso, de tal forma que aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação aos outros discursos, etc. (p. 15).

Indo mais adiante em sua argumentação, Orlandi reforça a tese de se abordar o sentido como uma construção que leva em conta a inserção do texto numa situação discursiva: “Na minha convivência com o estudo da linguagem (...) eu aprendi que as palavras não significam por si mas pelas pessoas que as falam, ou pela posição que ocupam os que as falam. Sendo assim, os sentidos são aqueles que a gente consegue produzir no confronto do poder das diferentes falas” (p. 95).

Assim, ao nos voltarmos para o estudo da linguagem verbal, não centramos nossa atenção no texto como uma unidade de sentido acabada em si mesma, mas destacamos seu funcionamento, tratando as escolhas manifestadas pela expressão lingüística como pistas para indiciar a atividade discursiva inscrita nele. Podemos, por exemplo, reconhecer o lugar social de onde fala o produtor, o que este pode ou não dizer, o que deve ou quer dizer, e também as vozes que atravessam seu texto, as quais reproduz, reelabora ou às quais se contrapõe.

Um terceiro referencial teórico são os estudos realizados por Koch (2002) para tratar a construção (argumentativa) da referenciação, pois nosso trabalho implica investigar como o professor, através de seu texto, elabora uma imagem do computador ao selecionar traços característicos ou associados a esse referente.

A autora, esclarecendo esse processo, diz que

não se entende aqui a referência no sentido que lhe é mais tradicionalmente atribuído, como simples representação extensional de referentes no mundo extramental: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos através da interação com o entorno físico, social e cultural. A referência passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como objetos-de-discurso e não como objetos-do-mundo (p. 79).

Desenvolvendo seu estudo, Koch, retomando Blikstein (1985), acredita, como esse autor, que o referente é “fabricado” na prática social, o que implica que a referenciação constitui uma atividade discursiva: o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção. Isto é, todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada, “publicamente” alimentada pelo próprio discurso.

Quando trata dos mecanismos lingüísticos de construção do referente de base lexical, as descrições nominais (definidas e indefinidas) e as nominalizações, Koch afirma que a escolha de determinada descrição definida pode trazer ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido (p. 80).

É justamente essa última observação de Koch que vai permitir olharmos as produções textuais para, com base nos traços selecionados do referente, percebermos as crenças e a valoração atribuída ao computador pelos professores, o que indiretamente delinea a imagem que estes fazem daquele.

1.2 Os dados e seu tratamento

Tendo em mente as concepções apresentadas no item anterior, buscamos analisar lingüisticamente os textos produzidos por um grupo de 32

professores do Ensino Fundamental. Esses textos foram extraídos dos dados levantados por Silva (2001) ao investigar a relação professor-computador em uma escola particular de Santa Maria em processo de informatização. Nessa investigação, um dos instrumentos usados pelo autor para a coleta de dados foi a produção de textos através dos quais os professores, os informantes da pesquisa, posicionavam-se em relação à seguinte declaração, retirada da *Folha de São Paulo*, edição de 22/03/00: “Estamos diante de nova pedagogia, em que o ensino e a aprendizagem estão centrados na tela” (p. 88).

Nesses textos, buscamos encontrar pistas lingüísticas que permitam identificar:

- (a) como o professor se encontra e se posiciona diante das mudanças no processo de ensino e aprendizagem com a inserção dos meios informatizados;
- (b) quais “vozes” se manifestam na fala do professor e
- (c) qual a imagem de computador elaborada pelo professor.

Nosso trabalho consiste em, inicialmente, resgatarmos o contexto social e histórico em que os produtores dos textos estão inseridos para, num momento posterior, podermos estabelecer pontos de contato entre esse contexto e as escolhas lingüísticas concretizadas na produção textual.

2. Resultados

2.1 O contexto social e histórico delineado

O estudo realizado por Silva (2001) forneceu os dados que suportam nossa análise do contexto sociohistórico que cerca os professores quanto a sua inserção em práticas escolares que incluem o uso do computador por eles próprios e por seus alunos.

Historicamente, o uso do computador em áreas como prestação de serviços, comunicação, indústria, comércio e saúde, entre outras, tem se acentuado ao longo das três últimas décadas. Em áreas como serviços bancários, telecomunicações e automação em indústrias, o computador é já uma realidade no Brasil.

Em grande parte das escolas públicas brasileiras, porém, a realidade é outra. Embora existam inúmeros programas e projetos de democratização do acesso às Tecnologias de Informática e das Telecomunicações (citemos dois: Proinfo e os Núcleos de Tecnologia Educacional - NTEs), e documentos com políticas e diretrizes para a inserção dos meios informatizados no

processo de ensino e aprendizagem, a escola encontra-se ainda distante do que se postula, por exemplo, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): “As tecnologias da comunicação, além de serem veículos de informações, possibilitam novas formas de ordenação da experiência humana, com múltiplos reflexos, particularmente na cognição e na atuação humana sobre o meio e sobre si mesmo” (p. 135).

Os informantes da pesquisa, no entanto, vivem uma situação um pouco diferenciada da realidade da escola pública: trabalhando em uma escola particular de Santa Maria, cujos alunos são, na maioria, oriundos da classe média alta, o professor está inserido em um contexto onde já se manifesta uma relativa familiaridade com a informática.

Da perspectiva da direção da escola, a informatização das atividades administrativas é uma realidade, e o uso do computador nas atividades pedagógicas um objetivo a ser alcançado a curto prazo. Isso quer dizer que a escola, enquanto instituição, quer se mostrar inserida no contexto de uma sociedade informatizada, o que, inclusive, é utilizado como estratégia de marketing para seduzir pais e alunos.

Da perspectiva dos alunos, a maioria deles já tem contato com o computador ou em casa, pela atividade profissional dos pais, ou em seu círculo de amizade ou familiar ou ainda na escola, participando de atividades no Laboratório de Informática.

Da perspectiva dos pais, existe a expectativa - que a escola tente atender - de que o computador precisa estar presente no dia-a-dia do aluno como condição para qualificá-lo para o mercado de trabalho.

Da ótica do próprio professor, este se encontra, na grande maioria dos casos, sem uma qualificação prévia para trabalhar com o computador. As principais causas desse despreparo são a informática não ter feito parte de sua formação nos cursos de graduação, a escola só recentemente ter oportunizado cursos de qualificação para trabalhar com o computador e a sobrecarga de trabalho do professor, o que limita seu tempo para realizar cursos.

Por fim, a própria sociedade, ou parte dela, aquela que já insere a informática em muitas de suas práticas, espera que a escola e, por extensão, o professor, se incorpore à “Era da Informação”, marcada fortemente pelas mídias informatizadas.

Diante desse contexto, o corpo docente, cuja maioria ainda não tem um contato maior com o computador, sente-se pressionado a fazê-lo. Essa pressão é exercida pela direção da escola, que deu prazo de um ano (no caso, até o final de 2000) para os professores informatizarem sua prática pedagógica; pelos pais, que investem economicamente na escola para preparar seu filho para o mercado de trabalho; e pelo próprio aluno, que, freqüentemente, conhece e usa mais o computador do que seu mestre.

2.1.1 O contexto reconhecido na fala do professor

Os aspectos destacados no item 2.2 ficam evidentes nos fragmentos selecionados a seguir:

“(...) mas o que acontece é que o professor não está preparado e acaba se afastando de um recurso precioso, que é o computador. (...) O computador faz parte de um ensino de qualidade e para nós só nos resta acompanhar.”(Inf.3)

“Assim sendo, entendemos a importância da nova pedagogia para o professor, pois ele terá que acompanhar, queira ou não, estas modificações. (...) devendo ocorrer por parte das autoridades em educação o preparo urgente dos mestres para as noções básicas no trato com a máquina.

No que diz respeito ao aluno, este já enxerga, através de meios de comunicação (televisão/rádio), e o computador centra hoje todas as atenções no mercado de trabalho, visto que, num futuro próximo, todas as empresas, mesmo as micro, terão a utilização da “tela” para o seu funcionamento.” (Inf.4)

“(...) acho que o aprendizado com o auxílio do computador é de grande importância, mas nem todos (professores e alunos) estão atualmente habilitados a usar a máquina, que apesar de fascinante ainda nos deixa amedrontados com o que há de vir; daqui por diante devemos (nós, professores) buscar o nosso aperfeiçoamento.”(Inf.6)

“Com as escolas, na sua grande maioria, dependendo ainda do quadro negro e giz, fica difícil competir com a tela do computador. Pois com pesquisas na internet, pode-se dispor de grandes atrativos que o professor, muitas vezes, não consegue passar para os alunos.” (Inf.15)

“Devido às grandes mudanças, transformações e novidades em recursos que são oferecidos aos alunos, nós, com certeza, precisamos nos adequar à “tela” pois o ensino e a aprendizagem serão mais atrativos.” (Inf. 16)

“(...) necessitamos de (in)formação constante e contínua, pois discordar seria manter o total tradicionalismo escolar, que comprovadamente nos faz, como ciência (educação), atrasados há algumas décadas.” (Inf.19)

“O professor precisa adaptar a sua metodologia e conteúdos às novas mudanças e avanços tecnológicos que a sociedade impõe.” (Inf. 21)

“Nossos alunos têm um volume cada vez maior de informações à sua disposição, através da televisão, internet, vídeo, etc. O professor muitas vezes não tem tempo para acompanhar esse rápido desenvolvimento. Acompanhar o que está acontecendo é fundamental. É preciso conhecer os recursos que estão em suas mãos o que, além de modernizar o processo de ensino, é fundamental para aproximar o educador desse universo tão presente na vida dos educandos.” (Inf.32)

Pela análise do conjunto dos 32 textos, acreditamos que as falas do Inf.3 e do Inf.6, destacadas acima, são as que melhor revelam como o professor se sente num contexto em que as políticas educacionais, a escola, os pais, os alunos e a sociedade apontam para uma única direção: as práticas pedagógicas precisam envolver o uso do computador, e o professor necessita não só conhecer como também explorar as potencialidades desse recurso como uma ferramenta para aperfeiçoar suas intervenções em sala de aula.

Quando observamos o aspecto lingüístico nos fragmentos destacados - e na quase totalidade dos textos analisados -, chama-nos a atenção a grande ocorrência de modalizadores do eixo da necessidade, da certeza, da obrigatoriedade: **“precisa adaptar”**, **“devemos (nós, professores) buscar”**, **“necessitamos de (in)formação constante”**, **“nós com certeza precisamos nos adequar”**, **“acompanhar o que está acontecendo é fundamental”**, **“É preciso conhecer”**, entre outros.

Os modalizadores são, conforme Koch (2000, p. 47), “importantes na construção do sentido do discurso e na sinalização do modo como aquilo que se diz é dito”. Em nossa análise, pois, os modalizadores são pistas lingüísticas que possibilitam inferir que os professores, marcando seu dizer pela modalização da necessidade, mostram-se como tendo que se inserir, obrigatoriamente, numa prática pedagógica que inclua os meios informatizados, pois, se não o fizerem, estarão à margem da sociedade (informatizada), distantes de seus alunos, manterão uma postura tradicional e não-moderna, e suas aulas não serão atraentes.

2.2 No processo ensino e aprendizagem, o conflito entre o contexto e as crenças do professor

A resposta à indagação de como o professor se posiciona diante do processo de ensino e aprendizagem inserido num ambiente informatizado revela um movimento singular nos textos. O professor inicia seu comentário afirmando a necessidade de se ajustar a esse contexto, para, num segundo momento, declarar sua crença na necessidade de uma intervenção de ori-

entação humanística, que destaca como fundamentais no fazer pedagógico, a formação de valores e a relação interpessoal (aluno-professor). No dizer do professor, fica indiciado o computador como uma ameaça a essa relação e à própria presença do educador no processo de ensino e aprendizagem. Percebe-se isso nos fragmentos a seguir:

“Por isso não podemos nos alienar e deixar que a Mídia ou a Informática tire o espaço que é nosso. Temos que ajudar o aluno a tirar proveito do que há de bom na tecnologia. Assim, não perderemos o nosso espaço, pelo contrário; se estivermos preparados para as mudanças e soubermos aproveitar o avanço tecnológico, estaremos cada vez mais nos afirmando como indispensáveis também na era da informática.” (Inf.1)

“O computador se tornou UMA das ferramentas que auxiliam na construção do conhecimento, mas jamais vai superar o lado humano e afetivo, necessários para uma formação sólida e digna, a qual computador nenhum jamais dará.” (Inf.2)

“Acredito que o computador seja uma “ferramenta” importantíssima, na realidade em que vivemos, para facilitar o processo ensino-aprendizagem. É indiscutível sua eficácia quando bem aproveitado e incorporado ao cotidiano escolar.

No entanto, colocá-lo como “centro” do processo educacional é um “ato perigoso” uma vez que esse processo engloba fatores muito mais complexos, como relações interpessoais, motivação...” (Inf.5)

“Porém (...) o centro do processo ensino-aprendizagem deverá ser sempre a relação professor-aluno. Este vínculo de afetividade, troca e crescimento recíproco não são substituídos com o uso do computador.” (Inf.7)

“Acredito que estamos diante de uma nova proposta pedagógica, porém a presença do professor ainda é fundamental, a informática é um valioso recurso no processo.” (Inf.16)

“(...) jamais a máquina vai substituir os valores que o educador procura passar para seus educandos.” (Inf.6)

“(...) mesmo trabalhando com o computador, precisamos de um orientador para o direcionamento do trabalho. A aprendizagem acontece com a troca de idéias e experiências entre o professor e o aluno. Portanto, é muito importante este contato e também o recurso do computador.” (Inf.12)

“(...) mas só não devemos deixar de lado ou esquecermos da relação direta entre o professor e o aluno. Da conversa direta entre dois seres humanos, do sentimento que deve haver em qualquer relação.” (Inf.29)

A análise lingüística destaca dois aspectos em relação aos fragmentos acima. O primeiro deles é o emprego do advérbio *jamais*, cujo sentido evidencia que o professor, descartando qualquer possibilidade de o computador se inserir em um ambiente de relações afetivas, reafirma a importância da relação interpessoal entre ele e seu aluno no processo ensino-aprendizagem. Esse argumento, usado pela maioria dos professores, chama a atenção, pois, no momento da pesquisa, as salas de aulas estavam sendo “frequentadas” pelos Tamagoshis, os quais, de algum modo, servem como exemplo, pelo menos no Japão, de que é possível estabelecerem-se elos afetivos com as máquinas.

O segundo aspecto é o emprego dos operadores argumentativos *no entanto*, *mas* e *porém*, que articulam argumentos colocados em oposição à argumentação que vinha sendo desenvolvida. Esses operadores são usados no momento em que o produtor do texto introduz seu argumento principal: a presença do professor não será substituída pelo computador, pois este não pode estabelecer vínculos de afetividade, desenvolver valores ou permitir trocas entre alunos e professores.

A defesa da relação professor-aluno e dos vínculos afetivos e éticos derivados dessa relação foi o aspecto mais saliente nos textos analisados, porém outros elementos do processo ensino e aprendizagem foram também lembrados:

“Porém devemos cuidar para que a nova busca do conhecimento não seja restrita para a telinha, daí corre-se o risco do fracasso.” (Inf.8)

“É importante que cada educador utilize este instrumento, adequando a sua prática de maneira a enriquecer a sua área de conhecimento, não se tornando ou tornando seu aluno dependente do instrumento.” (Inf.13)

“Estamos sempre diante de novas pedagogias, porque buscamos constantemente inovações e novos atrativos para o ensino e a aprendizagem escolar. Dizer que ambos estão centrados na tela significa radicalizar todo o processo educacional.”(Inf.20)

“Porém, estes recursos não devem ser usados como muleta para a aula ou como forma de acomodação de alunos e professores. É importante ter em mente que tais recursos devem estar “a serviço” da aula. Se os explorarmos com equilíbrio, eles funcionarão como estímulo à criatividade e à pesquisa.” (Inf.32)

2.3 Vozes manifestadas na fala do professor

Nossa segunda indagação, ao olharmos os textos, é identificar, na fala do professor, a incorporação de outras falas, que se situam em lugares sociais diferentes, mas que são constitutivas de seu discurso, já que, ao reproduzi-las, reelaborá-las ou a elas se contrapor, estabelece uma relação dialógica (Bakhtin, 1929) com esses lugares.

Como o espaço social em que se inserem os produtores dos textos é a escola, nela circulam as “vozes” da direção, dos professores, dos pais, dos alunos, dos documentos oficiais e do senso comum, isto é, num mesmo espaço social, entrecruzam-se muitos discursos que se interpenetram, se completam, se contrapõem, se amalgamam enfim.

Em relação a esse aspecto, os textos manifestam diferentes vozes: a da direção da escola, que, orientando-se por documentos como os PCNs, defende a inserção do computador como necessária para a qualificação da prática docente; a dos alunos, que preferem aulas mais dinâmicas, atraentes, com pesquisas na Internet; a dos pais, que esperam que a escola qualifique seu filho para a sociedade e o mercado de trabalho informatizados, e a do senso comum, que incorpora concepções difusas de teorias da educação ou de discursos da mídia, simplificando-as.

Para exemplificar esse discurso polifônico marcado nos textos, expressões como “ferramenta” ou “meio tecnológico” e “orientador de práticas” ou “mediador”, que aparecem nos PCNs, foram incorporadas à fala do professor. Além dessas mesmas expressões, há outras que circulam em textos de políticas ou orientações pedagógicas e, por extensão, são incorporadas ao discurso da direção da escola, responsável por gerenciar a implantação dessas políticas. Nos segmentos abaixo, essas expressões estão destacadas em negrito:

*“Acredito que hoje, nós professores, precisamos ter consciência de que a tela, seja do computador ou da TV, tem grande importância na vida das pessoas e, também, no processo de aprendizagem. É indispensável que saibamos tirar proveito desses meios **para melhorar a qualidade do nosso trabalho**. Precisamos ser **mediadores** no processo ensino-aprendizagem através dos **meios tecnológicos** que hoje nos são oferecidos e que é a realidade do nosso aluno.” (Inf.1)*

*“Acredito que o computador seja uma **“ferramenta”** importantíssima, na realidade em que vivemos, para facilitar o processo ensino-aprendizagem. É indiscutível sua eficácia quando bem aproveitado e incorporado no cotidiano escolar.”(Inf.5)*

“(...) daqui por diante devemos (nós professores) buscar o nosso aperfeiçoamento, não só na nossa área, mas também nas outras, não devemos ser mais especialistas, mas sim generalistas, isto inclui o computador e, com a ajuda dele, podem tornar nossas aulas mais interativas, e interdisciplinares.”(Inf.6)

*“Com certeza, professores e alunos precisam fazer uso desta **ferramenta** no seu cotidiano.”(Inf.7)*

*“(...) acredito que o ensino sofreu grande modificação após o surgimento do computador nas escolas e na vida das pessoas. O professor precisa também aprender a usá-lo para acompanhar as modificações da sociedade e ter mais uma **“ferramenta”** em suas mãos. Assim, acredito na importância do computador como auxiliar do trabalho do professor.”(Inf.11)*

*“O professor precisa também aprender a usá-lo para acompanhar e ter mais uma **“ferramenta”** em suas mãos.” (Inf.14)*

Outro aspecto enfatizado nos PCNs é o de a introdução dos meios tecnológicos na escola favorecer a formação de um aluno reflexivo, crítico e autônomo em relação à própria construção do conhecimento e à sua participação na sociedade. Vejamos esse aspecto na fala de um professor:

*“O professor precisa adaptar a sua metodologia e conteúdos às novas mudanças e avanços tecnológicos que a sociedade impõe, podendo assim, **formar cidadãos críticos e conscientes para atuar frente à sociedade.**”(Inf.30)*

Noções aceitas como verdades, já pasteurizadas pela difusão nos meios de comunicação, passando a fazer parte de um “saber coletivo” genérico, que as acolhe acriticamente, caracterizam o que entendemos por voz do senso comum. Esse aspecto está presente nos fragmentos apresentados a seguir:

“(...) o computador faz parte da nossa vida, e junto com ele o mundo.(...) Sendo assim, entendo que o processo educativo fica cada vez mais enriquecedor com essas novas maneiras de descobrir o conhecimento que o computador nos proporciona.”(Inf.10)

“Nos dias atuais tanto o professor quanto o aluno, estão caminhando para o mesmo rumo, ou seja, a Informatização. Nada mais se transmite ou se aprende que não esteja ligado ao computador, à Internet.” (Inf.9)

“Essa nova tecnologia vem ao encontro do grande desafio na educação que propõe um crescimento e só vem a acrescentar tanto para o educando quanto ao educador.”(Inf.23)

“(...) pois a “telinha” nos apresenta diversas opções de conhecimento e nos abre caminhos para descobrir mais e ir mais além na educação.” (Inf.25)

“(...) nos dias de hoje o aluno aprende muito mais em frente a um computador, do que em sala de aula. É muito emocionante saber que esse instrumento tecnológico nos oportuniza conhecimentos, lazer, informação e comunicação. Sendo assim, entendo que o processo educativo fica cada vez mais enriquecido com essas novas maneiras de descobrir o conhecimento que o computador nos proporciona.” (Inf.26)

Na polifonia presente nos textos, no entanto, destaca-se, a partir da introdução de *mas, no entanto, porém*, a voz do próprio professor, o qual, aparentemente incorporando a voz da escola, dos documentos oficiais, dos pais, dos alunos e do senso comum, a elas se contrapõe para reafirmar sua presença (insubstituível por uma máquina) no contexto escolar. Na maioria dos textos, nesse momento, recorre-se ao argumento do estabelecimento de relações afetivas e da transmissão de valores como principal papel do professor.

Finalizando essa discussão, fazemos a seguinte observação: não analisamos, aqui, a fala do professor em relação à(s) voz(es) manifestada(s) na declaração selecionada para a produção dos textos.

2.4 O computador: um mosaico de imagens

Ao analisarmos como os professores se referem ao computador, isto é, quais traços foram selecionados para construir esse referente, encontramos uma gama variada de elementos caracterizadores ou designadores:

- essa máquina maravilhosa / um recurso precioso / um valioso recurso;
- inovação e novos atrativos / nova tecnologia / avanço da tecnologia;
- é fundamental na escola hoje / é indispensável;
- “ferramenta” importantíssima na realidade que vivemos;
- grande instrumento auxiliar (como foi o livro, a caneta);
- a “telinha” nos apresenta diversas opções de conhecimentos e nos abre caminhos para descobrir e ir além na educação;
- instrumento tecnológico que oportuniza conhecimento, lazer e informação;
- gera prazer e, conseqüentemente, aprendizagem;
- moderniza o processo de ensino e é fundamental para aproximar o educador desse universo tão presente na vida do educando;

- na/da tela; a máquina; desta ferramenta; este/o instrumento;
- centra todas as atenções do mercado de trabalho;
- (ter) mais uma “ferramenta” em suas mãos;
- UMA das ferramentas que auxiliam na construção do conhecimento ;
- máquina que, apesar de fascinante, ainda nos deixa amedrontados;
- colocá-lo como “centro” do processo educacional é um “ato perigoso”.

Analisando os traços selecionados para o computador, percebemos que se constrói uma imagem do referente que oscila desde uma visão ingênua em expressões como *essa máquina maravilhosa e um recurso precioso*, passando pela incorporação acrítica do discurso do senso comum e das políticas educacionais como em *nova tecnologia, “ferramenta” importantíssima na realidade que vivemos hoje, fundamental na escola hoje, a “telinha” nos apresenta várias opções de conhecimento, fundamental para aproximar o educador desse universo tão presente na vida do educando, centra todas as atenções do mercado de trabalho até um embrionário posicionamento próprio, como o de (ter) mais uma “ferramenta” em suas mãos, UMA das ferramentas que auxilia na construção do conhecimento e colocá-lo como “centro” do processo educacional é um “ato perigoso”*.

Observando o conjunto dos textos, porém, a imagem do computador que parece ser a construída pela maioria dos professores é aquela que está expressa em *máquina que, apesar de fascinante, ainda nos deixa amedrontados*.

Considerações Finais

Quando olhamos os dados, chama-nos a atenção o contexto no qual os professores se vêem envolvidos, o qual está indicado em seus textos: eles se sentem pressionados pela escola, pais, alunos e documentos oficiais a incorporar o computador a sua prática pedagógica, e, como estratégia de contra-ataque, usam um argumento, que é recorrente na grande maioria dos textos: uma máquina, o computador, não pode estabelecer vínculos afetivos e relações interpessoais com os alunos, nem ser responsável pela transmissão de valores. Com esse argumento, o corpo docente reafirma seu papel no processo de ensino e aprendizagem.

Outra consideração que gostaríamos de destacar é a de o texto do professor estar atravessado por diferentes vozes que, em uníssono, manifestam a necessidade de ele se integrar à sociedade (escola) informatizada para qualificar a prática docente e preparar seu aluno para essa mesma

sociedade. Entretanto, essas vozes são silenciadas quando o professor desloca essa discussão para o campo das relações interpessoais, lugar de onde exclui a presença do computador.

Por fim, os traços selecionados para construir o referente computador revelam que a maioria dos professores ainda se mantém afastada da tecnologia em sua sala de aula: muitos demonstraram ter uma visão ingênua atribuindo ao computador juízos como *máquina maravilhosa*, ou então apenas repetiram a fala das instituições (escola, família, governo), ao afirmarem, por exemplo, que o computador é uma “*ferramenta*” *importantíssima na realidade que vivemos*. Alguns professores, porém, já mostram um certo posicionamento reflexivo, baseados no entendimento de que o computador faz parte de um novo contexto no qual deve ser explorado como uma ferramenta auxiliar no processo de ensino e aprendizagem; não sendo visto, pois, como uma ameaça à permanência do professor nesse processo.

Referências Bibliográficas

BAKTHIN, M; VOLOCHINOV, V. N. (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BLIKSTEIN, Isidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1985.

Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. 1998. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF.

KOCH, Ingedore G. V. *A interação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

SILVA, Beloni Gomes da. *A relação do professor com o computador no Ensino Fundamental*. Monografia, Especialização em Informática, UFSM, 2001.